

GAZETA LITERARIA.

Agosto de 1761.

PORTUGAL.

Obras de Luiz de Camões. Nova edição à custa de Pedro Gendron. Pariz, e vende-se em Lisboa em casa de Bonnardel e Dubeux. 1759. Na Officina de Didot. Tres tomos em 12.

AS novas edições, que se fazem das obras de qualquer homem celebre defunto, são tantos trofeos, que se levantam ao seu merecimento, e evidente prova, de que estas obras são dignas de ser eternizadas no templo da memoria. Póde hum autor em quanto vivo ter o gosto de ver aplaudidas, e reimpressas as suas composições, por que póde ter sectarios, e amigos, que industriosamente o acreditem para com o povo, ou póde achar neste huma certa disposição para abraçar com entusiasmo aquillo mesmo, que a razão reprova logo depois. Mas esta gloria he efimera, que ordinariamente não sobrevive ao seu possuidor; antes tem este ás vezes a confusão de a ver extinta na sua propria vida. Pelo contrario os Escriitores de verdadeiro merecimento, que nunca mendigão os suffragios do publico, tem o desgosto de ver muitas vezes desprezadas as suas obras, e elles mesmos perseguidos pela inveja: mas a posteridade não tarda em reparar esta injuria. Hum Bacon, hum Galileo, hum Cartesio, hum Milton não tivéraõ a satisfação de ver na sua vida bem recebidos os seus escritos; porém os vindouros foubéraõ fazer delles o apreço, que mereciaõ. O famoso Camões foi hum daquelles, a quem a posteridade vingou mais dos ultrajes da fortuna. A nação Portugueza há perto de dois seculos faz das suas poesias as suas mais exquisitas delicias. O numero das impressões dellas se multiplicou, e taõ já tantas, que seria enfadonho mencionalas.

Esta, de que agora damos noticia, deve ser recebida, como

A

hum

hum estimavel dom dado à nossa nação; por que o Editor teve o trabalho de confrontar as ediçoens antigas para nesta não faltar tudo, o que se imprimiu em nome do Poeta.

O papel, o caracter da letra, em fim tudo he belissimo, e admiramo-nos, que huma obra impressa em hum paiz estranho tenha taõ poucos erros de tipografia.

He dividida em tres tomos em 12. No primeiro se lê a prefacão do Editor, o bem feito compendio da vida do Poeta, os Lusíadas com o seu argumento historico, e o Index dos nomes proprios contheûdos naquelle poema, ordenado por Joaõ Franco Barreto. Este volume he ornado dos retratos do heroe Vasco da Gama, e do Poeta, cujo elogio composto em Latim por Gaspar Severim de Faria se lê por baixo do seu retrato. No principio de tudo está huma estampa, que representa o Parnasso, e no fim o Mapa, em que está marcada a carreira, que o heroe seguiu no descobrimento da India. Todos os cantos dos Lusíadas tem tambem sua estampa, alusiva ao lugar mais attendivel de cada hum.

O segundo tomo contém 236. Sonetos, 21. Cançoens, 12. Odes, 8. Eclogas, 14. Elegias, e algumas poesias ligeiras comprehendidas no nome de Rimas.

O terceiro tem sete Epistolas, duas Cartas em proza, duas Comedias, 78. Sonetos, as Rimas, e todas as outras poesias impressas nas Ediçoens antecedentes.

Poderão alguns culpar o Editor em não suprimir algumas poesias ou falsamente attribuidas a Camões, como a *creação do homem*, ou tiradas sem fundamento a outros Autores pelo Comentador Manoel de Faria e Souza. Mas provavelmente o Editor não se quiz expôr ao risco, de que esta edição fosse menos estimada que as antecedentes por diminuta.

Sobre as poesias de Camões se tem escrito, e dito tanto, que he desnecessario dizermos aqui coiza alguma a este respeito. O que não podemos deixar de advertir, he, que alguns Criticos, e alguns Apologistas deste poeta tem sido exaggerativos nos seus sentimentos. Destes huns, como o nosso Editor, dão aos reparos de Baillet, e Voltaire o nome de *erros*, e *temeridade*, que *não necessitaõ de resposta, nem de refutação*; outros, como o Faria no seu grosso Comentario aos Lusíadas, e às Rimas, abatem indiscretamente Antonio Ferreira, Bernardes, e todos os outros

outros Poetas contemporaneos de Camões, reconhecendo ió neste o genio poetico, e imaginando ridiculas interpretações para desculpar os seus defeitos.

Dos Criticos alguns só mostraõ, e aumentaõ os defeitos deste Poeta, e ocultaõ as suas verdadeiras bellezas, quando a constante porfia de toda a nação Portugueza em venerar, e meímo em idolatrar Camões, há perto de 200. annos, bastava para os fazer mais moderados nas suas censuras

Destes Criticos o mais formidavel he o erudito autor do Verdadeiro Metodo de estudar, cujas decitoens, ainda que respeitadas, tem às vezes o dezar de serem dadas com huma affectação de magistralidade, e com sinistro conhecimento de algumas materias. No parecer deste severo Critico, em Camões tudo he erro, indiscrição, escuridade, &c. Até não se esquece de apontar os extrinsecos defeitos dos Lusíadas, que de nenhuma fórte contaminaõ o merecimento intrinseco desta celebre Epopeia.

Entre outras muitas coizas diz, que Camões errára no titulo da obra, por que em vez de o tomar de Vasco da Gama, o toma de todos os Portuguzes. Confessamos, que isto he huma incoherencia; mas visto Camões cahir no erro de propor todos os Varoens illustres, de que se compoem a historia Portugueza, devia buscar hum titulo, que não conviesse a hum Portuguez só. Diz elle mais, que o peor he tomar Camões este titulo no plural, do que não tem exemplo na boa antiguidade. He justo, e a razão o manda, que nas Artes imitativas, e particularmente na Poesia não nos apartemos das verédas, que seguiraõ os Antigos, por que estes foraõ, os que melhor imitáraõ a bella natureza; mas isto he, no que verdadeiramente se chama Poesia, por que no ornato, e nos titulos externos della cada hum pôde apartar-se livremente dos Antigos, sem que reputemos este desvio por erro, visto estarmos persuadidos, que só hum uso, que não he fundado na razão, não deve fazer lei, nem regra nestas materias. Os titulos de *Jerusalem libertada*, de *Paraiso perdido*, que Tasso, e Milton déraõ aos seus poemas, não convem em outras circumstancias com os da boa antiguidade, com tudo os Criticos (não fallamos dos Criticos *Cavillatores*) que tem censurado estes poemas, não fizeraõ sobre estes titulos o fórte das suas censuras, nem por amor delles deixáraõ de confessar, que os ditos poemas eraõ Epopeias, e grandes Epopeias.

Este Critico, que por toda a sua obra mostra huma profunda erudição, e noticias não vulgares, não daria mais goito, e utilidade à Nação Portugueza, se depois de apontar os innegaveis defeitos de Camões inculcasse a nobre simplicidade, que caracteriza a poesia daquelle poeta, e mostrásse as bellezas tanto originaes, como imitadas, que podéram cativar huma nação inteira? Hum verdadeiro Critico, diz o celebre Inglez Addison, se detem mais sobre as bellezas, que sobre os defeitos de hum autor.

Esta veneração, que temos para Camões, não he cegueira, e bem fora de ser reprehensivel deve ser louvada, por ser huma voluntaria reverencia, que fazemos ás bellas Artes. Infelizes os Portuguezes, se fossem insensiveis às graças de Camões, cujo poema, como diz o famosissimo Montesquieu, faz sentir alguma coiza dos encantos da Odissêa, e da magnificencia da Eneada.

Os Inglezes, que na República das letras fazem huma figura tão avultada, adoraõ o seu Shakespeare, a quem unanimemente daõ o titulo de grande, por que ainda que as suas Tragedias estejam cheias de irregularidades, e baxezas, percebem nelas pedaços, que mostraõ o grande genio do Poeta. Se os Inglezes tributaõ este culto a Shakespeare, por que razaõ não farãõ os Portuguezes o mesmo a Camões, que nos generos da poesia, em que se exercitou, tem bellezas iguaes ás de Shakespeare sem ter tantas irregularidades?

Antes de concluirmos este artigo he preciso advertirmos mais, que os Estrangeiros ordinariamente só conhecem Camões pela parte heroica, sendo justo, que tambem o conhecessem pela Lyrica; por que neste genero só ás vezes pecca elle pelo nimio, e pelo superfluo.

As suas Eclogas a pezar da sua extensaõ não deixaõ de ter coizas belissimas; porém não são superiores ás de Bernardes, e de Ferreira. Sendo Portuguezes estes Poetas, não podemos saber a razaõ, por que o autor do Verdadeiro Methodo nos diz, que a *Egloga nam tem uso em Portugal*. Menos o comprehendemos, quando nos dá a entender, que a Egloga, Elegia, e Ode são composições modernas, como se os Antigos não conhecessem estes generos de poesia.

As Odes do mesmo Camões sam das suas boas composições, e admiramonos, que o Critico, de quem temos fallado tanto, nos dê indicios, de que ellas não lhe agradaõ, dizendo, que nunca pôde perdoar a Camões fazer composições amatorias com titulo

tulo de Ode. He certo, que só o amor he, o que domina em quasi todas as poesias de Camões, havendo outros muitos assumptos, de que a Harmonia poetica póde tratar. Mas como a paixão do amor he a mais commua nos homens, os Poetas se servem mais ordinariamente desta para nos mover por aquella parte, que nos póde ser mais sensível. Das referidas palavras do Critico se tira, que elle tambem não há de aturar muitas Odes de Horacio, e todas as chamadas Anacreonticas. Este pouco sofrimento do Critico nasceu de elle dár à Ode como definição geral huma, que só convem a huma especie della, isto he à Ode heroica.

As duas Comedias de Camões são na verdade as suas obras mais inferiores; pois ainda que na disposição da fabula se perceba às vezes, que o Poeta quiz imitar Plauto, não se sente nellas aquella agradável jocosidade, e aquellas originaes belezas, que fizeram immortaes os Menandros, os Terencios, os Molieres, os Congreves. As graças das Comedias de Camões são insulsissimas, particularmente as dos Anfitriões, onde Mercurio disfarçado falla não sabemos, por que motivo, em lingua diferente da dos outros interlocutores, e diz ristoens taes, que poucos os entenderão. Com tudo ellas são superiores, às que se escreviao nos dias de Camões, e ainda algum tempo depois, as quaes erao huma certa prosa posta em dialogo em que os interlocutores conversavao de paxorra sobre varios negocios, e fallavao tanto, que cada Comedia fazia hum volume de hum grosso livro de 8. fazendo-se desta sorte crível, o que se nos diz dos Dramas, dos Chinos, cujas representações durao mezes, e annos. Esta superioridade, que tem as Comedias de Camões sobre estas indiscretas prosas, a reconhecemos com muita mais razão sobre as nossas Comedias modernas, que ordinariamente não são mais, que hum enredo amoroso muito mal disposto, e sustentado com huma locução pueril, e ridicula.

O Autor do Verdadeiro Methodo nos diz, que estas duas Comedias de Camões não lhe agradao. Achamos-lhe razão; mas que diremos nós sobre o afirmar elle, que as nossas modernas são menos más? Acabaremos dizendo, que he para sentir, que hum Critico tao estimavel cheio da melhor erudição, que com tanto acerto escreveu sobre as materias, de que tracta, e que com tanta eloquencia pertendeu reformar os abusos da nossa literatura, não disfarçasse os erros do nosso primeiro Poeta, e affectasse não conhecer as suas incomparaveis belezas.

Vida de Dom João de Castro quarto Viso-Rey da India. Por Jacyntho Freyre de Andrada. Nova Edição acrescentada da Vida do Autor. Com figuras Pariz, e vende-se em Lisboa em casa de Bonardel, e Dubeux. 1759. Na Officina de Didot. em 8.

COM esta obra se prova aquelle vulgar dito, que aos grandes homens nunca faltaõ Escriitores, que immortalizem as suas açcoens. Dom João de Castro foi daquelles illustres Capitães, que na India concorrêã para fazer temido, e admirado o valor Portuguez, já penetrando victoriosamente o Mar vermelho, já derrotando os inimigos em varios encontros, já prostrando com huma só batalha todo o poder de hum Rey astuto soccorrido dos Turcos, e dos Perfas, já livrando huma Cidade defendida por hum pequeno corpo de Portuguezes, e assaltada por hum General experimentado Commandante de formidaveis Exercitos. O monte de Jouros, que os Portuguezes colhêã à custa do seu sangue, e do que fizeraõ derramar aos inimigos, foi augmentado por este valeroso Vice-Rey, que sobre as suas qualidades marciaes possuia todas as que constituem hum homem perfeitamente virtuoso. Os valerosos feitos, que obramos no Oriente debaixo do governo de Dom João de Castro, e de todos os outros Heroes, que succedêã sem interpolação huns aos outros, fazem criveis as admiraveis façanhas, que os Thucydedes, e os Livios contaõ dos Gregos, e dos Romanos.

A vida de huma tal Personagem, como Dom João de Castro, não podia deixar de dár vasta materia para hum Historiador, que quizesse descreve-la: Jacyntho Freyre de Andrada, que viveu cem annos depois da morte daquelle Vice-Rey succedida em 1548. a elegeu para dár exercicio ao seu fecundo genio, escrevendo huma historia não menos recommendavel pela importancia do assumpto, que pe'a nobreza do estilo.

Podemos dizer deste Historiador, o que Cicero disse de Thucydedes, que o numero dos seus pensamentos he quasi igual ao das suas palavras, e que elle he taõ justo, e taõ conciso, no que exprime, que mal se póde saber, se orna as sentenças com as suas palavras, ou as suas palavras com as sentenças. A delicadeza des-

tas he taõ frequente, que quem empredeffe compor huma obra do caracter, da que escreveu o P. Bouhours com o titulo de *Pensamentos engenhosos*, acharia neste Historiador infinitos lugares, que engrandeceriaõ o volume da sua obra.

Estas estimaveis qualidades unidas à pureza da dicção, à propriedade dos termos, à correcção das frases, e à elegancia das expressões fazem, que esta historia seja, por assim dizer, o Breviario dos Cultores da lingua Portugueza, e que passe por huma obra primaria no seu genero, ou por hum *Chef d'œuvre*, titulo concedido por hum bom Historiador Estrangeiro, qual he o P. Lafitau, no Prologo da historia dos nossos descobrimentos, e Conquistas.

He difficil o fazer hum extracto completo desta obra por que, se quizessemos apontar os lugares, que mais podiaõ agradar aos leitores, sernos-hia preciso apontar toda a obra. Tal he a perfeição, que reina em toda ella!

Para dár aos nossos leitores huma idéa da narraçãõ historica de Jacynto Freire, achamos, que o melhor meio he copiar algũ lugar da mesma Historia. Escolhemos aquelle, em q se descreve o prodigioso valor de cinco Soldados Portuguezes, que na famosa praça de Diu defendida por Dom Joaõ Mascarenhas, e sitiada ao principio por Coge Cofar Grego de nação, e General do Rey de Cambaia, e depois por seu filho Rumeçaõ, foraõ accommetidos por hum grande corpo de inimigos sobre as ruinas do baluarte de S. Joaõ, que huma mina desfizera.

„ Passado algum espaço, diz o nosso Historiador, logo que
 „ o fumo desastombrou a fortaleza, mandou Rumeçaõ entrar quin-
 „ nhentos Turcos pelas ruinas do baluarte abraçado, seguindo-os
 „ de tropel o restante do campo; porèm acháraõ cinco valerosos
 „ Soldados, que lhes fizeraõ rosto, sustentando largo espaço o
 „ pezo de taõ nova batalha. Verdade taõ estranha, que necessita
 „ de tanto valor para se escrever, como para se obrar; porèm
 „ qualificada entaõ na confissão dos proprios inimigos, e agora
 „ nas cans de tantos annos. Acodiu logo áquella parte Dom Joaõ
 „ Mascarenhas com quinze companheiros, e viu dous espectacu-
 „ los; hum, que merecia lastima, outro, espanto; e soccorrendo aos
 „ cinco Soldados fizeraõ todos taõ dura resistencia ao inimigo,
 „ que bastáraõ a retardar a furia de hum exercito já quasi victo-
 „ rioso; e caso, que referido só com a verdade nua, excede tudo,
 „ o que escreveraõ, ou fabuláraõ os Gregos, e Romanos.

„Correu voz pela fortaleza, que os Turcos estavaõ já fe-
 „nhores do baluarte abraçado, com o que alguns Soldados, que
 „nas outras estancias pelejavaõ, corrêraõ áquella parte, como
 „de mór perigo, e quiçá, que este falso rumor salvasse a fortaleza,
 „por que formáraõ hum grosso, que bastou a fazer rosto a treze
 „mil Infantes, que tantos contaõ nossas Historias, que accom-
 „metteráõ o baluarte da mina. As mulheres, como ensinadas a
 „desprezar as vidas, acodiraõ a ministrar lanças, pelouros, e pa-
 „nelas de polvora; e aquella valerosa Izabel Fernandes com huma
 „chuça nas mãos, ajudava os Soldados com as obras, muito mais
 „com o exemplo e com as palavras, dizendo em altas vozes: Pe-
 „lejai por vosso Deos, pelejai por vosso Rey, Cavalleiros de
 „Christo, por que elle está comvosco. Os inimigos, como o suc-
 „cesso da mina lhes havia aberto para a victoria huma taõ larga
 „porta, determináraõ este dia concluir a empreza incitados do
 „General, e da occasiaõ, pelejando já como favorecidos; os que
 „combatiaõ no baluarte, pela ambiçaõ de ser primeiros em fac-
 „çaõ taõ illustre, se portavaõ com mais ardor, que os outros; e
 „como eraõ Jenizaros, e Turcos queriaõ só para si a gloria deste
 „dia. Rumeçaõ mandou nas estancias reforçar o assalto para com
 „a diversãõ em poder taõ pequeno, facilitar a entrada.

„Esteve por muitas vezes perdida a fortaleza. Os inimigos
 „muitos, e descancados; os nossos, sobre taõ poucos, vencidos do
 „trabalho de resistencia taõ desproporcionada. Aqui acodiu o
 „Vigario Joaõ Coelho com hum Christo arvorado, dizendo, que
 „aquelle Deos, cuja causa defendiaõ, era o Autor das victorias;
 „com cuja vista alentados aquelles Fieis, e fórtes compa-
 „nheiros, parecia, que obravaõ com forças mais que humanas;
 „por que nenhum mostrava das feridas fraqueza, ou sentimento,
 „durando na batalha com o mesmo ardor, e espirito, com que a
 „começáraõ.

„Já declinava o dia, e os Turcos com os nossos mortal-
 „mente abraçados por humas mesmas feridas vertiaõ sangue pro-
 „prio, e alheio; e como hum exercito inteiro carregava sobre taõ
 „poucos defensores, chegáraõ os nossos Soldados a receber muitas
 „lançadas em huma só ferida. Parecerá exageraçõ, o que como
 „verdade referimos. Os grandes feitos, que os Portuguezes obrá-
 „raõ neste dia, o Oriente os diga; eu cuido, que da illustre Diu-
 „lhes será cada pedra hum epitafio mudo. Porém dos cinco Caval-
 „leiros,

„ leiros , que havemos referido , não deixaremos com ingrata pen-
 „ na os nomes em silencio. Estes foraõ Sebastiaõ de Sá , Antonio
 „ Peçanha , Bento Barbosa , Bartholomeu Correa , Mestre Joaõ Ci-
 „ rurgiaõ de nome. Com a peleja se acabou o dia ; mandou Rume-
 „ caõ tocar a recolher depois de haver perdido neste assalto sette-
 „ centos Soldados , e sem conta os feridos , de que morrerãõ mui-
 „ tos mal assistidos na cura , por que pela multidaõ cansavaõ os
 „ Mestres , e faltavaõ os remedios. Dos cinco Cavalleiros , que
 „ defendêraõ o baluarte , morreo só Mestre Joaõ despedaçado de
 „ muitas feridas , que deixou bem vingadas , sem querer deixar a
 „ briga , nem obedecer ao amigos , que o retiráraõ , como pessoa
 „ taõ importante pela arte , pelo valor não menos. Izabel Ma-
 „ deira sua mulher acodiu a atar-lhe as feridas mortaes , e depois
 „ de o enterrar por sua maõs com poucas lagrimas , e grande sen-
 „ timento , acodiu ao trabalho das tranqueiras com as outras ma-
 „ tronas ; valor estranho , ou raras vezes visto ainda no varaõ mais
 „ contante.

„ Logo que se retirou o inimigo , mandou Dom Joaõ Mas-
 „ carenhas enterrar os mortos , que estavaõ nas ruinas do baluarte ,
 „ sendo levados de hum sepulchro a outro. Foraõ enterrados jun-
 „ tos pela estreiteza do lugar , e do tempo ; faltando funebres
 „ honras , e piedozas lagrimas a taõ honrada cinza ; porẽm dormem
 „ com saudade maior da Patria em humilde jazigo , q̃ aquelles , que
 „ em urnas de alabastro deixáraõ de huma vida sem nome ociosa
 „ memoria : a Dom Fernando de Castro (*hum dos que morrerãõ na*
 „ *mina*) depositáraõ em separado enterro , por se o Governador
 „ seu Pay quizesse trasladar-lhe os óstos a lugar diferente lavar-
 „ lhe-hia tumulo mais soberbo , porẽm não mais illustre. Depois
 „ que o Capitaõ Mór cobriu aos Companheiros de piedosa terra ,
 „ acodiu a reparar o estrago , que deixara o assalto nas paredes ; a
 „ que ajudáraõ as mulheres companheiras do trabalho , e perigo ,
 „ sem reservar tempo , e lugar para a dôr , e lagrimas dos filhos , e
 „ maridos , que viraõ espirar com seus olhos , e ellas meimas ha-
 „ viaõ sepultado , encobriendo o sentimento natural com nunca
 „ visto exemplo.

Eloquencia mais viva , e maior ousadia de expressaõ se vêm
 nas oraçoens , que o Historiador poem na boca das Personagens ,
 que fazem figura na sua historia. Ellas saõ convenientes aos cara-
 cteres das Personagens. Os rasgos , com que elle pinta estes cara-

cteres ,

cteres, são valentes, e expressivos. Não copiamos o de Coge Cofar por causa de brevidade: transcreveremos sim a falla de Dom João de Castro aos seus poucos Soldados, quando os anima para accommeter o Sultaõ, que, segundo a fama, commandava duzentos mil homens nas visinhanças de Baroche. Elegemos esta oração por breve, e não por superior às outras.

„ Temos à vista o maior Rey da Asia, e o maior exercito:
 „ anda buscando occasioens a fortuna de nos fazer famosos, para
 „ que sobre esta victoria, na obediencia do Oriente, delcancemos
 „ as armas. Confesso-vos a desigualdade taõ grande entre hum
 „ poder, e outro; porèm nossas Esquadras não se contaõ pelo nu-
 „ mero, se não pela virtude. Aquelles são os mesmos, que há pou-
 „ cos dias destroçamos em Diu, não he necessario a estes fazer no-
 „ vas feridas, ralguemos mais, as que ainda trazem abertas. Seu
 „ mesmo numero os faz mais temerosos, vendo embaraçados os
 „ caminhos para poder salvar-se; se hontem nos deixáraõ o Cam-
 „ po tendo-nos sitiados, como nos haõ de resistir agora victoriosos?
 „ Mal sustentaráõ a honra de seu Rey, os que perdêraõ a sua. Ma-
 „ ior poder he o nosso, que o do inimigo; peleijaõ de nossa parte
 „ a fama, e a victoria. Não creio, que haverá quem engeite a gran-
 „ de parte, que lhe cabe na gloria deste dia.

Até aqui temos pertendido dár só hum conhecimento, ainda que imperfecto, do merecimento da historia, e por esta razão não quizemos resumir, tudo, o que nos diz o Historiador na vida de Dom João de Castro, que supponmos todo o bem nascido Portuguez não ignora. Porèm esta nossa pertençaõ nos obriga a não dissimular os defeitos, que attribuem à obra.

Dizem que ella mais parece o Elogio de Dom João de Castro, que huma sincera historia das suas acçoens: Que as suas oraçoens estaõ cheias de expressoens, que mais convem a hum Poeta, que a hum Historiador: que por toda a historia se percebe huma especie de affectação por causa do nimio estudo, que mostra em fazer harmonioso o discurso, e em buscar contraposição de palavras nos seus periodos, como *Cujo nome ouviaõ os Africanos com temor, e nós com reverencia. Merecendo congratulaçoens dos parentes, invejas dos Soldados. Era tratado de todos com veneração de rico, e lastima de pobre. Faltando-lhe premio na morte, na vida nome, &c.*

Dizem mais, que esta harmonia affectada dá huma tal lemetria ao discurso, e faz taõ compallados os membros dos periodos,

dos, que no estilo da Historia se percebe aquillo, que os Latinos chamavaõ *Numerus luxurians*: Que o dezejo do Autor de ser deliado nos pensamentos, e de dizer muito em poucas palavras, ainda que naõ cause huma grande obscuridade, obriga ao menos os Leitores a lêr mais de huma vez alguns lugares para bem comprehenderem o sentido da expressaõ, como he por exemplo este lugar: „ *Os Turcos com os nossos mortalmente abrazados por humas mesmas feridas vertiaõ sangue proprio, e albeio; e como hum Exercito carregava sobre taõ poucos defensores, chegarãõ os nossos Soldados a receber muitas lançadas em huma só ferida.*

Ao primeiro defeito se póde responder, que esta apparenente culpa naõ vem do Autor, vem sim da virtude do Heroe, que na sua vida publica, e privada nunca obrou acçaõ, que naõ merecesse Elogio.

O segundo tem a desculpa, de que, bem que nas Oraçoens do Autor se vejaõ estas expressoens: *Livremos nossos mares, que debaixo de suas armadas violentados gemem*, e outras semelhantes, costumaõ os Hiltoriadores pôr nestas fallas huma locucaõ sublime, huma pompa, e huma elevaçãõ acima da narraçaõ ordinaria. Se isto he defeito, lhe he elle commum com Thucydedes, com Salustio, com Q. Curcio, e principalmente com Tito-Livio.

Pelo que toca aos outros defeitos, podiaõ tambem ser desculpados ainda com o exemplo da Antiguidade, mas a naõ termos hum genio igual ao de Jacyntho Freire, e de todos aquelles Autores que se podiaõ citar para o desculpar, será melhor, que naõ imitemos taes modos de narrar.

Fallando agora da nova Ediçaõ desta Historia, diremos que ella tem todas as comodidades, e ventagens, que consideramos na de Camões; e naõ podemos deixar de agradecer ao Editor, que generosamente nos mandou esta obra com as de Camões, o cuidado, que tem tomado de fazer mais commuas, e mais commodas as producçoens dos nossos maiores Escriptores. Esperamos, que em Portugal se tome o mesmo trabalho a respeito de outras obras naõ menos estimaveis, como saõ as de Antonio Ferreira, as de Bernardes, Malaca conquistada de Francisco de Sá de Menezes. as Poesias de outro Francisco de Sá de Menezes, as de Dom Manoel de Portugal, &c. &c.

Esta Ediçaõ só tem mais, que as antecedentes a Vida do Autor tirada da Bibliotheca Lusitana do Abbade Diogo Barbosa

Machado. Nesta se vê, que elle era Abbade de Santa Maria das Chans, e que morreu em Lisboa em 1657., tendo illustrado com o seu nascimento a Cidade de Beja.

O volume da Historia he em 8. de 483. paginas comprehendendo o Index, e não contando o pequeno Prologo do Autor, a sua Vida, e a Dedicatoria do Editor ao Excellentissimo Senhor Dom Anonio de Saldanha da Gama, Irmao do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca, que governa hoje o Patriarcado de Lisboa. He ornado do retrato de Dom Joao de Castro, do de Coge Cozar, e de huma estampa, que representa a Fortaleza de Diu. Esta estampa pareceria a mesma, que traz a Historia do P. Lafitau, se nella não estivesse inserido o retrato de Dom Joao Maicarenhas, em lugar do de Dom Nuno da Cunha.

Instrucção sobre os Corpos Celestes, principalmente sobre os Cometas, por Francisco Henrique Ahlers. Lisboa na Officina de Manescal. 1758. em 8. grande.

O Terror, que os Cometas causavaõ ao vulgo ignorante, e supersticioso, era nascido de estar elle persuadido, que estes Phenomenos eraõ annunciados de successos infaustos. Para mostrar o pouco fundamento deste pavor, e para rebater o receio, que muitas pessoas mostravaõ sobre o Cometa, que se esperava em 1758., he, que Ahlers escreveu esta pequena obra, que consta de 86. paginas, não comprehendendo a Dedicatoria a El-Rey, o Prologo, e o Index.

He dividida em duas partes. Na primeira, em que se trata dos astros, e planetas, se expoem a limitada, e imperfeita idéa, que os antigos tiveraõ do universo. Explica-se o sistema Astronomico de Ptolomeo com as objecçoens, a que os seus sectarios não pôdem responder. Decalhindo as sciencias, e as artes com a invasaõ dos barbaros, tambem decalhiraõ os estudos Astronomicos; mas estes estudos resuscitaraõ com a restauraçãõ das outras doutrinas. Apareceu Copernico. Concorreraõ para confirmar o seu sistema as observaçoens de Keplero, e os descobrimentos, que fez Galileo com a invençaõ dos telescopios. Aqui o nosso Autor expoem, como principal objecçaõ contra elle

elle varios lugares da Sagrada Escriptura , que literalmente decidem , que a terra está quieta , e o sol se move. O Sancto Officio Romano fundado nestes Divinos Textos prohibio este sistema , que deve ser abraçado , como hypothese.

As objecções Físicas são de facil resposta ; mas admiramos , que o nosso Autor na Relação dellas não aponte a principal , que he , que movendo-se a terra ao redor do sol , havia de perceber-se alguma mudança na elevação , e lugar da estrella polar. A isto respondem os Copernicanos . que por causa da immensa distancia da terra áquella estrella he imperceptivel esta differença. Alguns não se satisfazem com esta resposta ; mas o certo he , que esta objecção (fallando Astronomicamente) não tira a superioridade deste sistema sobre os outros , contra os quaes há maiores , e mais fortes objecções.

Depois deste sistema explica o Autor as coizas mais ordinarias , que dizem os Astronomos sobre a theoria dos Planetas , e entre ellas expoem as conjecturas a favor do movimento de rotação , ou diurno da terra , que gastando hum dia em mover-se sobre o seu proprio eixo , faz a alternativa mudança dos dias , e das noites. Antes disto expoem , e reprova as conjecturas de serem os Planetas habitaveis , e habitados. Concede a estes Planetas a virtude attractiva imaginada por Keplero , e admitida depois pelo grande Newton. Abraça a opiniaõ , de que a attracção da Lua he a causa Física das marés.

Explica o sistema de Tico Brahe , em que a terra he immovel , como todos sabem. Não sabemos , por que razão o Author não falla aqui nas reformas , que fez Riccioli a este sistema , e por que nos não diz , que Longomontano o abraçára , dando sómente hum movimento de rotação á terra , por lhe parecer incomprehenfivel a grande velocidade , que se devia dar , estando quieta a terra , ao movimento primeiro das estrellas fixas ; emenda , que se absolve alguns absurdos do sistema Ticonico , não absolve todos. Maior razão temos para ignorar , por que motivo o Autor nem ao menos toca no sistema de Marciano Capela , vulgarmente chamado *sistema composto* , que teve bastante aceitação para com alguns modernos.

Na causa Física do movimento dos Planetas o Autor menciona , e impugna a doutrina de Descartes , que pondo o sol no centro de hum turbilhão , ou vortice da materia etherea , attribue

ao movimento do sol sobre seu proprio eixo o movimento total do turbilhão, que leva consigo os Planetas pela sua ordem. Cada Planeta tem seu turbilhão particular, que movido da mesma fórte, que o geral faz girar os Planetas secundarios, a lua ao redor da terra, e os satelites ao redor de Jupiter, e Saturno. O Autor depois de reprovar esta doutrina passa à de Newton, que pondo os Planetas expostos aos dous movimentos das forças centrífuga, e centripeta descrevem ao redor do sol huma linha circular.

Isto diz o nosso Autor; mas o certo he, que os Planetas assim expostos às duas forças descrevem huma ellipse; pois todo o corpo, como os Planetas, exposto a duas forças, das quaes huma, como a centripeta, varia em razão inverſa do quadrado da distancia ao centro de revolução, deve tomar huma direcção elliptica.

O nosso Autor passa à opiniaõ de alguns Filósofos, que supoléraõ ser cada estrella fixa hum sol. Nesta supposiçaõ se explica bellamente a razãõ, por que desaparecem algumas estrellas, e apparecem outras de novo. Pois suppondo-as, como Planetas, que giraõ ao redor de cada estrella fixa, serãõ visiveis a nós, quando nos apresentarem a face allumiada; e invisiveis, quando a obscura.

Na segunda parte se dá huma instrucçaõ sobre os Cometas. Deixadas as ridiculas explicaçoens, que deraõ os antigos, e ainda alguns modernos sobre estes fenomenos, veio-se a conjecturar, que elles eraõ verdadeiros Planetas. Mas as observaçoens, que se tinhaõ feito sobre elles, eraõ vagas, e confusas. O Illustre Cassini da Academia das Sciencias de Pariz foi o primeiro, que observou o movimento regular dos Cometas, e que concluiu, que deviaõ ser postos entre os corpos celestes permanentes, e opacos, que giraõ ao redor do sol em orbitas muito excentricas, e que só são vistos, quando descem ao seu perihelio.

Newton sobre observaçoens mais exactas demonstrou, que os Cometas se moviaõ em huma das Secçoens Conicas, tendo seu foco no centro do sol. O famoso Inglez Halley fundando-se nos principios de Newton, deu regras para calcular com a maior certeza o movimento dos Cometas; segundo este Astronomo, elles se movem em todas as direcçoens, não tendo as suas orbitas nada do commum, se não o serem todas descriptas ao redor do sol. Este cele-

celebre Autor levou mais longe as suas observaçoens , e oufou dizer, que os Cometas, que apparecerão em 1456. 1531. 1607. e 1682. eraõ hum mesmo Cometa, cujo periodo he de 75. annos pouco mais, ou menos, delôrte que elle devia apparecer em 1758. Este era, o que se esperava, quando se escreveu o tractado, de que fazemos exame.

O nosso Autor não deixá de tocar na maior parte destas noticias, e de nos dizer tambem, que os Cometas apparecem mais, ou menos luminosos, o que procede de se chegarem nas suas revoluçoens mais, ou menos ao sol. Pelo calculo de Newton o Cometa de 1680. se avizinhou tanto do sol, que adquiriu hum calor vinte e oito mil vezes maior, que o do nosso Estio mais ardente, ou duas mil vezes mais intenso, que o de hum ferro abrazado.

Passando o nosso Autor à explicação Fifica das causas dos Cometas, não se cança em referir os pareceres de celebres Filósofos: contenta-se com dizer, que esta cauda não he, ao que parece, se não humas partes mais leves da sua atmosfera, rarefeitas pelo excessivo calor do sol.

Combate os formidaveis prognosticos attribuidos aos Cometas, e a opiniaõ, de q̄ elles passando mui proximos a algum Planeta, pôdem causar muito grandes desordens pela sua força attractiva, quebrando, ou attrahindo o tal Planeta. Confia, que Deos pela sua infinita bondade não há de permittir estes destroços. Combate não menos o sentimento de Whiston, que como todos sabem, conjecturou, que o Cometa de 1680. foi o mesmo, que inundou a terra no tempo do Diluvio, por tocar na nossa atmosfera a sua cauda, que por vir de Regioens mui remotas do sol, estava cheia de agua; e que outro Cometa, passando mui chegado ao sol, virá abrazar a terra, ou causar a *conflagração*, de que fallão os Theologos.

O nosso Autor rebate o susto, que nos podia causar o Cometa; que se esperava em 1758. o qual passando mui chegado à nossa atmosfera, podia causar os estragos, que mencionamos. Aqui o Autor não se serve de razoens Astronomicas, mas de favoraveis conjecturas, e da sua costumada piedade. Deixando tudo o mais, que elle nos diz, diremos, que elle conclue o seu livro com huma Tabela ordenada segundo o calculo de Halley sobre as orbitas de vinte e quatro Cometas, e mencionada nas Transacçoens da Sociedade Real de Londres. Depois desta Tabela se segue huma breve, e escassa noticia dos principaes Filósofos, que florecerão no mundo.

mundo. Aqui não há coiza, que admirar, há fim, que reprovár, quando o Autor affirma, que he certo, que o Wolfio foi maior Filofofo, que Newton. No fim do volume estaõ tres eitampas, que representaõ varias figuras relativas à Astronomia.

O que podemos dizer deste Tractado em geral, he que nelle não se diz coiza, que os ainda medocrementemente iniciados na Astronomia não saibaõ. Quasi todos os pontos de que falla saõ tractados superficialmente; e por esta razaõ louvamos, e approvamos, a modestia, com que o Autor nos diz no seu Prologo, que o seu intento não he offerecer a presente obra aos Professores de Fifica, e Astronomia; que escreve para aquelles, que não se applicáraõ a essas facudades. Para compor huma obra, como esta, não era necessario ter conhecimento das linguas, que se fallaõ para lá dos Perinéos (como diz o Autor no ~~mais~~ Prologo) pois nas nossas Hespanhas há Tractados escriptos com bastante profundidade, e extensaõ sobre o meismo assunto.

Não podemos perder occasiaõ de advertir, que os nossos Escriptores tem ordinariamente o defeito de acumular, e arrastar authoridades, que ou saõ mui remotas daquillo, que affirmaõ, ou servem de provar coizas, de que ninguem duvida. Neste defeito cahe o nosso Autor; o que he bem visível a todos os que lerem esta *Instrucçaõ*, que alàs não deixa de ser util aos que não tiverem noticia alguma dos estudos Físicos, e Astronomicos.

F I M.